



A mulher espectral. O ser da misoginia na obra *Virgeu de Consoloçon* (séc. XV)
La dona espectral. O l'ésser misogínic a l'obra *Virgeu de Consoloçon* (segle XV)
La mujer espectral. El ser de la misoginia en la obra *Virgeu de Consoloçon* (siglo XV)

The spectral woman. The being of misogyny in the work *Virgeu de Consoloçon* (15th century)

Bruna Plath FURTADO¹

Abstract: Using as corpus the Portuguese work *Virgeu de Consolaçon* – an anonymous manuscript produced in the early fifteenth century – this study examines the emergence of a spectral mode of femininity. Drawing on the theoretical and methodological framework of discourse analysis, our aim is to understand how the objectification of women is configured in the discourse of the *Virgeu de Consolaçon*. When, as a form of *aleturgy*, the truth revealed in the text takes the sin of lust as its theme, it gives rise to a figure to be feared, one from which the monk must fully withdraw to escape the designs of this sin. It is through the way this figure is instituted in the *Virgeu de Consolaçon*, a figure to which medieval misogyny assigns a linguistic-enunciative form, and which ascetic-monastic discourse portrays as dangerous, that we refer to it as the spectral woman.

Keywords: Ascetic-monastic discourse – Medieval Misogyny – Subject – Spectral Woman.

Resumo: Selecionando como *corpus* de análise a obra portuguesa *Virgeu de Consolaçon* – manuscrito de autoria não identificada cuja produção data do início do século XV – este trabalho investiga a emergência de uma modalidade de mulher espectral. A partir do subsídio teórico-metodológico da análise de discurso, objetivamos compreender como se configura a objetivação da mulher no discurso presente no *Virgeu de Consolaçon*. Quando, enquanto *aleturgia*, a verdade revelada no *Virgeu de consolaçon* toma por tópico o pecado da luxúria, revela-se um ser que deve ser temido e do qual o monge deve se afastar

¹ Professora do [Departamento de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Maringá \(DLP - UEM\)](#); integrante do [Grupo de Pesquisa do CNPq Leitura, Análise do Discurso e Imagens \(GPLEIADI\)](#). E-mail: brunaplath@gmail.com.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

completamente para que possa escapar dos desígnios deste pecado. Pelo modo como se institui no *Virgen de Consolaçōn* este ser, que a misoginia medieval atribui uma forma linguístico-enunciativa e que o discurso ascético-monástico revela ser perigoso, é que o denominamos *mulher espectral*.

Palavras-chave: Discurso ascético-monástico – Misoginia Medieval – Sujeito – Mulher espectral.

ENVIADO: 09.09.2025
ACEPTADO: 18.10.2025

Introdução

Na mitologia cristã², no princípio da linhagem da vida dos homens e das mulheres, está Eva. Mãe de todos os indivíduos da humanidade, concebidos pelo pecado, cuja entrada nesta vida sempre se dá por meio de uma mulher, Eva, ao contrário, é a única representante da espécie gerada a partir do corpo de um homem. Ou seja, se, na origem de todo indivíduo terreno, há sempre o cultivo em um ventre biologicamente de mulher, na origem da primeira mulher está um homem para o qual e por meio do qual ela foi moldada para ser auxiliar.

No segundo relato da criação do homem que encontramos no livro de Gênesis – em detrimento da compreensão segundo a qual Lilith teria sido a primeira mulher moldada igualmente do barro, que se recupera pela descrição do primeiro capítulo de Gênesis, em que se lê “Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra’. Deus criou o homem à sua imagem, à

² SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo: ensaios de antropologia medieval*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 52-56.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

imagem de Deus e ele o criou homem e mulher ele os criou”³ –, Deus “modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente”⁴ e, mesmo tendo modelado, após isso, também do solo todos os outros animais para que o homem não estivesse só, este não encontrou entre eles um auxiliar que lhe fosse adequado. Por isso, Deus, tendo adormecido o homem, tirou-lhe uma costela, fazendo crescer carne novamente no lugar, dessa costela modela uma mulher que é, em seguida, levada ao homem, que exclama: “Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada ‘mulher’, porque foi tirada do homem”⁵.

Após ter sido criado, o homem foi colocado no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo, sob o aviso de Deus que proibia que ele comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal, sob pena de morte. Uma vez que a mulher fora posteriormente criada da carne do homem tal proibição se estendeu também a ela que, entretanto, ao conversar com a serpente, descrita como a mais astuta entre os animais, come o fruto proibido para, em seguida, dá-lo ao homem que também o come, fazendo com que, automaticamente, ambos percebessem a sua própria nudez e que tivessem a necessidade de se esconder.

A isso se seguem os castigos que Deus impõe à serpente, à mulher e ao homem, sendo o principal deles a condição de mortalidade a que são submetidos – “Pois tu és pó e ao pó tornarás”⁶ – e é neste momento que, na narrativa, Adão dá à mulher o nome Eva: “O homem chamou sua mulher ‘Eva’, por ser a mãe de todos os viventes”⁷, instantes antes que ambos fossem expulsos do jardim do Éden para que também não pudessem comer do fruto da árvore da imortalidade.

³ *A BÍBLIA de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 34.

⁴ *A BÍBLIA de Jerusalém*, *op. cit.*, p. 35-36.

⁵ *A BÍBLIA de Jerusalém*, *op. cit.*, p. 37.

⁶ *A BÍBLIA de Jerusalém*, *op. cit.*, p. 38.

⁷ *A BÍBLIA de Jerusalém*, *op. cit.*, p. 38.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Assim, na história bíblica que constitui a mitologia judaico-cristã, Eva é o nome que recebe a mulher que, tendo ouvido a promessa da serpente, que prometia que eles tornar-se-iam como deuses, ao comer o fruto proibido, criada a partir do homem, trai a confiança divina, corrompendo sua existência e por meio da qual o homem também é levado a se corromper, fazendo com que, sobre eles, recaiam duras penas e se estabeleçam o pecado e a mortalidade. A partir disso, a abordagem do cristianismo medieval como mitologia se justifica pela compreensão segundo a qual há nele uma confluência cultural e de tradições míticas, tais como a babilônica, a grega, a suméria, a céltica, a germânica, a egípcia etc.⁸ A esta origem em Eva, no mito aqui recuperado, está ligado o sujeito que encontramos na obra *Virgeu de Consolac̄on*⁹ e que descrevemos neste trabalho.

Nossa fonte principal de pesquisa é, portanto, a obra *Virgeu de Consolac̄on*, doravante *Virgeu*, que se constitui, inicialmente, como um manuscrito medieval português e que faz parte da coleção de Códices Alcobacenses, originários da livraria do mosteiro cisterciense de Santa Maria de Alcobaça, mas que atualmente, desde 1834, após a extinção da ordem religiosa em Portugal, está sob a responsabilidade da Biblioteca Nacional de Portugal. Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizamos a versão impressa da obra, publicada por Veiga em 1959.¹⁰

O *Virgeu* está organizado em 78 capítulos divididos em cinco partes, subdivididas por sua vez nos seguintes temas: pecados e vícios, desenvolvidos nas duas primeiras partes, e virtudes, desenvolvidas nas três partes seguintes. Sem a identificação de uma autoria, o texto retoma e organiza, ao longo do desenvolvimento das temáticas que compõem seus capítulos e suas seções, as citações de autoridades variadas com o objetivo de

⁸ FRANCO JÚNIOR, H. “Cristianismo medieval e mitologia: reflexões sobre um problema historiográfico”. In: FRANCO JÚNIOR, H. *A Eva barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, p. 41-64.

⁹ *VIRGEU de consolac̄on. Edição crítica de um texto arcaico inédito* (introdução, gramática, notas e glossário: Albino de Bem Veiga). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1959, p. 3-128.

¹⁰ *VIRGEU de consolac̄on, op. cit.*, p. 3-128.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

compor um jardim de sabedoria. Nesse ínterim, são citadas no *Virgeu* autoridades como Agostinho, Isidoro, Bernardo, Sêneca, a Sagrada Escritura, entre outros, na construção de uma obra cuja verdade revelada se ancola e se justifica pela reunião das autoridades que, conforme o próprio *Virgeu*, “falarom pelo Spiritu Sancto”.¹¹ Escrito em uma variedade linguística de português arcaico¹², o *Virgeu* pertence ao início do século XV e está registrado na Biblioteca Nacional de Portugal com a data de 1401.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo principal apresentar a noção de mulher espectral desenvolvida a partir da análise do discurso monástico-cristão que encontramos no *Virgeu*. Para tanto, utilizamos sobretudo a ideia de *sujeito*, inspirada na obra de Foucault¹³, paralelamente à questão do poder, compreendendo, nesse sentido, as dimensões por meio das quais podemos observar a emergência do sujeito a partir de processos de objetivação e subjetivação e de aplicação do poder.

Além disso, para a compreensão da constituição do sujeito que denominamos *mulher espectral* no *Virgeu*, temos como ponto de partida o conceito de misoginia medieval elaborado por Bloch¹⁴ e o conceito de ser especial que recuperamos de Agamben.¹⁵

I. A *mulher espectral*

Em nossa perspectiva analítica, consideramos que, por meio de modos específicos de objetivação, os seres humanos se tornam sujeitos, são subjetivados e/ou

¹¹ *VIRGEU de consolaçon*, *op. cit.*, p. 3.

¹² CÂMARA JUNIOR. Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

¹³ FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o poder”. In: DREYFUS Hubert L.; RABINOW Paul (coord.). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

¹⁴ BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

¹⁵ AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

dessubjetivados. A respeito disso, Foucault¹⁶ descreve distintos modos de subjetivação, incluindo dentre eles a sexualidade.

Especificamente no que concerne ao domínio da sexualidade, encontramos, no *Virgen*, um representante das observações que Rossiaud¹⁷ tece a respeito de como a sexualidade era tratada em textos medievais. Esses textos eram escritos por homens, geralmente monges ou eclesiásticos, sendo que, nesse âmbito, as mulheres majoritariamente permanecem “mudas”.

A partir disso, estabelecendo uma ressalva segundo a qual não há uma constância milenar uma vez que a teologia se estabelece de acordo com a história e uma vez que a manifestação dos clérigos nunca foi uníssona, diversos pontos que nos permitem entender como a sexualidade era compreendida no interior de uma moral cristã¹⁸ e, no caso do *Virgen*, especificamente, uma moral ascético-monástica.

Assim, registra-se uma tradição médico-filosófica adquirida pelos saberes antigos que, antes de compreender as agitações da carne como um pecado contra Deus, compreendiam-nas como faltas à razão. Embasados nessa tradição, filósofos do século XIII salientaram que o desejo se constitui enquanto uma subversão e uma submersão do ser. Há, então, no cristianismo, uma apropriação de diversos conceitos constituídos nos latinos, gregos, árabes e no judaísmo que foram integrados em uma construção argumentativa, definindo, assim, em Crisóstomo, Ambrósio, Jerônimo e Agostinho,

¹⁶ FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o poder”, *op. cit.*

¹⁷ ROSSIAUD, Jacques. “Sexualidade”. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. vol. II. Bauru: Edusc, 2006, p. 483.

¹⁸ Considerando a complexidade da temática e a ausência de uma homogeneidade na tratativa da sexualidade mesmo que no interior da moral cristã medieval o foco deste trabalho permite que nos atenhamos aos aspectos da sexualidade relativamente ao discurso que, pela especificidade do cuidado de si que o compõe, adjetivamos ascético-monástico especificado pelo *Virgen*, logo, em um paralelo com a noção de carne.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

tanto o espaço do sexo na obra divina, quanto a função das relações sexuais na vida cristã.¹⁹

Nessa perspectiva, desenha-se o antagonismo entre sexo e sagrado, já que a sexualização é compreendida como uma consequência da queda de Adão e Eva e, por esse motivo, o corpo sexuado deve ser anulado ao máximo, em uma tentativa de remover a marca do pecado, no âmbito da carne²⁰, pelo qual é atravessado, motivação para a incidência das técnicas de controle sobre o corpo.²¹ Assim, nesse contexto, a sexualidade que incide sobre o corpo, na compressão ascético-monástica que observamos no *Virgen*, corrobora para sua constituição em carne²² a partir da compreensão do pecado da luxúria.

Além dos modos de objetivação, dentre os quais a sexualidade, é necessário considerar também a dimensão do poder que está atrelada ao sujeito, sendo ela o segundo aspecto por meio do qual podemos observar a emergência deste.

No que concerne ao poder compreendemos, portanto, ao estudar a objetivação do sujeito, que ele não é relativo apenas a uma questão teórica, mas que, ao contrário disso, é uma parte da experiência dos indivíduos. É a forma de poder – contra a qual as oposições lutam – que institui os indivíduos em sujeitos, ao aplicar-se à vida cotidiana que categoriza o indivíduo, ao marcá-lo em sua individualidade, ao ligá-lo à sua própria identidade e ao impor-lhe uma lei de verdade.²³

¹⁹ ROSSIAUD, Jacques. “Sexualidade”, *op. cit.*, p. 479.

²⁰ SCHMITT, Jean-Claude. “Corpo e alma”. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2006, p. 253-267.

²¹ ROSSIAUD, Jacques. “Sexualidade”, *op. cit.*, p. 477-493.

²² KNIBIEHLER, Yvonne. *História da virgindade*. trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2016, p.67-82.

²³ FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o poder”, *op. cit.*



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Nesses moldes, o discurso que, pelo atravessamento do modelo cristão de cuidado de si²⁴, denominamos como ascético-monástico e que reconhecemos no *Virgeu*, ao incidir sobre a individualidade, sustentado em seu modo de revelação da verdade²⁵, constitui-se enquanto técnica de poder.

Ao tratarmos especificamente da objetivação da mulher nos textos monásticos, não é incomum a denominação das mulheres nesse âmbito e na Europa medieval como falsas e cruéis enquanto um modo de incentivar a castidade²⁶, considerando que, por exemplo, se o homem estivesse inserido no modo de vida monástica e uma vez que conhecesse os seus preceitos, a manutenção deste monge nos propósitos que lhes foram colocados dependia em diversos aspectos de sua vontade individual, por isso é coerente que, na primeira parte do *Virgeu*, seja fecunda a emergência do sujeito mulher apenas no capítulo reservado à luxúria. Desse modo, o primeiro enunciado em que encontramos menção à *mulher* na obra afirma:

1 E diz o filosofo [Ugo], no livro do Governamēto dos Senhores: Non queyras o teu desejo comprar, e enclinar-te e abaixar-te ao peccado das molheres, ca o esmaginamento e cobiça delas he vāa e propriedade dos peccados. Que honrra he aquela ou que prez pode o homē aver, husando e fazēndo obra d'animalias sem razō e sem entendimento e de bestas mudas? E porem devemos de crer que tal obra como esta he destruimento de virtudes, traspassamento da ley e gēeramento de çujos e maaos pecados.²⁷

²⁴ FOUCAULT, Michel. *A hermética do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1981)*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 301-323.

²⁵ Inspirados pelo conceito de *aleturgia*, observamos no *Virgeu* a ocorrência de uma manifestação ritual da verdade em que o sujeito autor não identificado da obra atua como *operador da verdade* ao apagar-se frente aos enunciados atribuídos a *testemunhas da verdade* (autoridades que “falam” no *Virgeu*, principalmente, os denominados sábios, filósofos ou a própria Sagrada Escritura) que ao serem retomados revelam a verdade ao monge, leitor da obra, logo, *objeto da verdade*, sobre o qual a verdade incide para fazer com que este se reconheça, conheça a verdade, cuide se si e renuncie-se.

²⁶ MICCOLI, Giovanni. “Os Monges”. In: LE GOFF Jacques (dir.). *O Homem Medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 33-54.

²⁷ *VIRGEU de consolaçon*, op. cit., p. 19-20.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

1 E diz o filósofo, no livro *Governo dos Senhores*: Não queiras o teu desejo realizar, inclinar-te e abaixar-te ao pecado das mulheres, pois a imaginação e a ambição delas é vã e própria dos pecados. Que honra é aquela ou que glória pode o homem ter, usando e fazendo obra de animais e de bestas mudas sem motivo e sem compreensão? Por isso devemos acreditar que tal obra como esta é ruína das virtudes, é ultrapassar a lei e é criação de sujos e maus pecados (todas as traduções para o português moderno são de nossa autoria).²⁸

No excerto retomado em **1**, em que temos a primeira menção, na obra, às mulheres, podemos verificar que a emergência desse sujeito no referido enunciado que compõe o *Virgeu* se dá, incialmente, a partir de dois modos de objetivação.

Primeiramente, em **1**, há a objetivação a partir de uma prática divisora em que o pecado da luxúria é atribuído às mulheres, em detrimento do homem que pode se rebaixar ao pecado delas, separando assim homens e mulheres em relação ao status deles diante do pecado da luxúria. Esse desnívelamento entre homens e mulheres, quando comparados especificamente na relação que eles compõem com a luxúria, encontra subsídio na disparidade entre eles quando instituídos de um corpo material. Ou seja, encontra subsídio na compreensão de que se na alma despida de sexualidade o homem e a mulher são ambos imagem e semelhança de Deus, uma vez constituído o corpo, a divisão entre homem e mulher anatomicamente diferentes em uma separação em sexo masculino e feminino, inexistente na alma, permitirá assumir que a *razão*, característica da alma, imagem de Deus, reside no corpo masculino e está ausente no corpo feminino.²⁹

²⁸ Considerando a variedade linguística de português arcaico em que o *Virgeu* fora redigido, nossas análises resultaram também em um movimento de “tradução” a partir da consulta a dicionários medievais e de português arcaico, motivo pelo qual, ao longo deste trabalho, a cada citação direta do *corpus* no original, segue-se uma versão do mesmo excerto adaptado por nós ao português contemporâneo.

²⁹ DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 468-476.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

De outro modo, verifica-se, igualmente, um sujeito mulher no domínio da sexualidade que advém e incide sobre o corpo instituindo-o como carne, compreensão na qual, especificadas tanto a necessidade do monge em se manter no propósito de salvação bem como a luxúria enquanto um dos pecados centrais em oposição a este propósito, a mulher é constituída como sujeito da luxúria da obra³⁰ para o qual o homem pode se inclinar, sujando-se em pecado e arruinando suas virtudes.

Diante disso, constatamos, dentre outros aspectos, que a mulher é fonte primordial que enseja o movimento que leva o homem à luxúria. Por isso, em 1, podemos observar a expressão “peccado das mulheres” sendo utilizada como sinônimo de “luxúria”, ou seja, o uso do determinante “das mulheres” especifica um pecado que é delas e que não é qualquer pecado, mas é o pecado da luxúria. Desse modo, há uma compreensão do pecado da *luxúria* que é equivalente a pecado *das mulheres*.

Essa perspectiva parece recorrente, pois Bloch³¹, ao estudar a misoginia medieval destaca a compreensão contextual segundo a qual a mulher que supera sua própria carne pela virgindade consagrada a Deus poderá ser percebida como mais forte que o homem, já que, para ela, a força necessária para superar aquilo que a constitui em primeiro lugar é muito maior se comparada à força empregada pelo homem para superar os anseios da carne, uma vez que, diferente dela, ele reside na versão corpórea dotada de razão e, portanto, ligada a Deus.

Tal divisão, observamos, apaga, no *Virgen*, a possibilidade de tratar da luxúria mais veementemente também como um pecado que se estabelece individualmente no homem, monge leitor, de si para consigo mesmo – como ocorre quando se indica que “toda cuja polluçõ [fornicacõ he]” (retomado em 2) que considera luxuriosa mesmo

³⁰ Aqui denominamos luxúria da obra uma compreensão de luxúria encontrada no *Virgen* e que separa a luxúria da mente e a luxúria enquanto desejo da carne, a que todos, homens e mulheres, estão submetidos uma vez que são constituídos de corpo, da luxúria enquanto a realização ativa do ato luxurioso, logo, luxúria da obra que no *Virgen* é indicada como pecado das mulheres.

³¹ BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*, op. cit.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

qualquer ejaculação involuntária durante o sono – e destaca a diferença entre a “vontade” e a “obra”, como podemos observar no excerto adiante 3, que, no *Virgeu*, vem contíguo ao 2.

2 E diz sancto Ysidoro: que fornicacion da vōotade nō he senō serviço de ydolos. E diz esse meesmo: Toda çuja polluçō [fónicaçō he,] per que cada hūus, per desvayradas maneyras e tentaçōes e plazeres, ham desvayradas cuidaçōes no prazer da fornicacō, assi son formados desvayrados tormentos pelos quaaes o reyno de Deos he encerrado e os homēes son partidos de Deos.³²

2 E diz santo Isidoro: que fornicação do desejo não é senão servir aos ídolos. E diz esse mesmo: toda imunda ejaculação involuntária durante o sono [fornicação é], por diversas formas e tentações e prazeres, há diversas preocupações no prazer da fornicação, assim são formados diversos tormentos pelos quais o reino de Deus é fechado e os homens se separam de Deus.

3 E diz sancto Ysidoro: Nō he em tal maneyra nē tanto de prazer a luxuria de vōotade na carne, como a que se faz per obra. Nē a luxuria da mente nō he tam gram peccado como a obra. Enquanto mayor plazer traje e he já ē husu, tanto mais doce he aos desesperados e aos perdidos, e muy grave cousa he a elles partir-sse daquele plazer.³³

3 E diz santo Isidoro: não é em forma nem muito grande de prazer a luxúria de desejo na carne, como a que se faz por obra. Nem a luxúria da mente é tão grande pecado como a obra. Quanto mais prazer traz e é já em uso, tanto mais doce é aos desesperados e aos perdidos, e é muito difícil a eles partir-se daquele prazer.³⁴

Em 3, há o estabelecimento da diferença de grandeza entre a luxúria enquanto desejo da carne, ao que todos estão submetidos uma vez que são constituídos pelo corpo e nele pelos órgãos sexuais, – como se observa no *Virgeu* em que se lê “Éton era na ley do peccado, que he nos mēbros do homē ou da molher pela necessidade da luxuria”³⁵

³² *VIRGEU de consolaçō*, *op. cit.*, p. 21.

³³ *VIRGEU de consolaçō*, *op. cit.*, p. 21.

³⁴ *VIRGEU de consolaçō*, *op. cit.*, p. 21.

³⁵ *VIRGEU de consolaçō*, *op. cit.*, p. 20.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

– ou, enquanto luxúria, na mente, de um lado, e a luxúria da obra, de outro lado, ou seja, a realização ativa do ato luxurioso.

A diferença entre luxúria como desejo da carne (aquele a que todo corpo na dimensão da carne está submetido seja ele feminino ou masculino) e luxúria da mente como menores em relação à luxúria da obra e o fato de ela ser bem maior do que aquelas se mede pela quantidade de prazer que aumenta quanto mais a luxúria se liga à ideia de uma ação que se realiza, marcada em 3 pela presença do verbo “husar”, cuja semântica está atrelada ao “agir” ao “servir-se de”. No caso, servir-se do prazer, agir em função de obter prazer, nisso reside a luxúria da obra. Como mencionamos, sustenta-se, nessa diferença, tanto o quase total silenciamento, no *Virgeu*, da luxúria como um pecado que também tem lugar no homem consigo mesmo, acarretando o reforço da ideia de *pecado das mulheres*, como também a graduação, presente no excerto 4:

4 E diz sancto Ysidoro no livro *De Summo Bono*: Guarda-te de veeres o que nō conpre, se quiseres, e nō faças o que nō deves, por que diz hūu sabedor que a primeyra obra da luxuria he nos olhos, a segunda nas palavras, a terceyra na obra. O que nō pecca pela vista dos olhos ben se pode temperar nas palavras porque, ante que a voontade seja forçada, quē se guarda do plazer da vista nō chega ao consentimento da obra.³⁶

4 E diz santo Isidoro no livro *De Summo Bono*: Guarda-te de veres o que não cumpre, se desejas, e não faças o que não deves, pois diz um sábio que a primeira obra da luxúria é nos olhos, a segunda nas palavras, a terceira na obra. Aquele que não peca pela vista dos olhos bem se pode moderar nas palavras, pois, antes que o desejo vença, quem se guarda do prazer da visão não chega ao consentimento da obra.

Pela análise suscitada a partir de 4, o pecado também se instaura gradativamente na medida em que se inicia nos olhos, passa às palavras e delas à obra. Além disso, a compreensão de luxúria da obra como pecado das mulheres também exclui a sodomia – a respeito do que o cristianismo, ao condenar severamente a homossexualidade, retomou do antigo testamento a prática atrelada aos habitantes de Sodoma,

³⁶ *VIRGEU de consolaçon*, *op. cit.*, p. 20.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

interpretando-a como um desvio sexual, apesar disso, é provável que a prática em questão fora tolerada no meio monástico³⁷ – dos tópicos relativos à luxúria no *Virgen*.

Desse modo, o temor masculino se institui pela compreensão que se tem a respeito da condição de encarnados a qual ambos estão diferentemente submetidos.³⁸ Ela é sujeito da luxúria pela ausência de razão, já que esta a abandonara quando encarnou no corpo biológico de mulher (deriva do homem), e ele pode inclinar-se ao pecado dela, pois apesar da razão que permanece nele ainda que encarnado, ele tem a luxúria que reside nos membros da sua condição de carne (luxúria da carne). O que nos indica ser a *luxúria da obra* e não a *luxúria da mente* ou a *luxúria da carne* (presente em ambos, homem ou mulher) aquela denominada como pecado das mulheres.

A objetivação da mulher a partir de uma divisão entre homens e mulheres diante do pecado da luxúria e a partir da identificação dela como fonte da luxúria da obra, faz emergir, no *Virgen*, uma mulher que o homem precisa conhecer para que possa cuidar de si em relação aos perigos oferecidos aos propósitos monásticos que ele assumiu.³⁹

Entretanto, como essa mulher fonte da luxúria emerge como algo a ser evitado constantemente. A mulher que deve ser conhecida pelo monge é apenas a mulher objetivada pelo discurso e, portanto, sujeito discursivo. Dito de outro modo, a mulher que o monge deve conhecer é apenas aquela que lhe permita conhecer-se enquanto fraco frente ao risco que se lhe oferece sem que para isso seja necessário provar pela experiência individual essa fraqueza, o que significa conhecê-la apenas na e pela materialidade discursiva, ou seja, conhecer a mulher sujeito presente no *Virgen* e que se constrói e se comprova pelo que fora dito pelos sábios a respeito dela.

³⁷ LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 129.

³⁸ DUBY, Georges. *As damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 243-244.

³⁹ SILVA, Leila Rodrigues da; RAFAELLI, Juliana Salgado. “Monaquismo”. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de história das religiões na antiguidade e medievo*. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 415-419.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Como resultado desse primeiro movimento de objetivação, após defender a castidade e a virgindade (capítulos 10º e 11º da quinta parte do *Virgeu*), há, no *Virgeu*, um capítulo inteiro (12º da quinta parte) para tratar da conversa que os homens não devem ter com as mulheres (principal escopo das análises deste trabalho), cujo cerne reside em demonstrar ao leitor do *Virgeu* porque ele deve fugir das mulheres, considerando que se ele conquistou a castidade ou conseguiu manter-se virgem, objetivos do ascetismo-monástico, na mulher reside a ameaça que não cessa de colocar em perigo essa integridade masculina.

Essa mulher é apresentada ao monge nos enunciados que constituem a fonte de pesquisa, e sua objetivação presente na materialidade do *Virgeu* deve ser suficientemente palpável para que o homem, cuja manutenção da castidade ou da virgindade é importante, compreenda que qualquer mulher com a qual ele, enquanto indivíduo, possa se encontrar representa perigo às suas virtudes, uma vez que ela é tal como o espetro que ele vê materializado no discurso. Nesse contexto, a objetivação da mulher a partir desses dois modos, o das práticas divisoras (separando homens e mulheres) e o da dimensão da sexualidade (instituída como carne), atravessa a obra ao mesmo tempo em que novos indícios são acrescentados, como podemos verificar adiante em 5.

5 E diz Johā bispo: A molher he malicia antiga a qual tirou Adam dos plazeres do parayso, e os homēes spirituaaes faz-os terreaaes por esta foy todo o linhagē humanal metudo no jnferno.⁴⁰

5 E diz João bispo: A mulher é malícia antiga, a qual tirou Adão dos prazeres do paraíso e faz terrenos os homens espirituais, por esta toda descendência humana foi colocada no inferno.

Em relação, mais especificamente, ao poder, a voz que constitui o *Virgeu*, composta por uma variedade de testemunhas da verdade, é masculina e tem como propósito a

⁴⁰ *VIRGEU de consolaçon*, op. cit., p. 88.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

instrução de monges na vida monástica e religiosa fundamentada no cuidado de si ascético-monástico.⁴¹

A prática religiosa em questão, no período de emergência do *Virgeu* no mosteiro de Alcobaça (séculos XIV e XV), havia sido fortemente constituída e direcionada por um viés no qual a interpretação do papel de Eva na gênese da humanidade se consolidara como a corrompedora de Adão e, consequentemente, da linhagem humana, como verificamos pelo excerto 5.

Neste ponto, podemos reconhecer a objetivação da mulher pelo modo da investigação⁴², em que a origem da mulher é ligada a Eva, cuja soberba foi responsável pela queda do Paraíso e pelos males que se instalaram sobre o primeiro homem e sobre a primeira mulher e deles a toda sua descendência, incluindo a condição da carne e da morte. Tal perspectiva constitui um tipo de conhecimento demonstrativo, no discurso masculino ascético-monástico do *Virgeu*, acerca da natureza da mulher, ou seja, acerca da sua causa e do motivo pelo qual ela não pode ser diferente do que é.

Esse modo de objetivação empreende, em uma perspectiva aristotélica de ciência, logo, de saber, em uma perspectiva de compreensão e explicação da origem e da causa de determinado objeto e que permite alcançar, não o acidente (ser predicativo), mas a substância (caráter necessário e que o objeto possui) do objeto, ou seja, a essência necessária do ser, aquilo que mantém uma constância⁴³, aquilo que dá ao ser a sua estabilidade ou o ser desde sempre e o ser para sempre, uma vez que há ciência no conhecimento do caráter que o ser não pode não possuir.⁴⁴ No discurso ascético-monástico que encontramos no *Virgeu*, Eva é a origem da essência que constitui a mulher espectral.

⁴¹ FOUCAULT, Michel. *A hermética do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1981)*, *op. cit.*, p. 310.

⁴² FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o poder”, *op. cit.*, p. 231.

⁴³ REIS, Maria Cecília Gomes dos. “A alma como substância no sentido de forma”. In: ARISTÓTELES. *De anima*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 24-26.

⁴⁴ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 925.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Desse modo, em 5, pelo testemunho indicado pela autoridade de João bispo, estabelece-se uma ligação (uma equivalência) entre *mulheres* e Eva que se dá ao nomeá-la apenas *mulher*. Eva mulher é aquela que foi seduzida pela serpente e comeu o fruto proibido, nessa Eva mulher se encontra o cerne da natureza feminina como corrupta do homem, a *mulher espectral*. Dito de outra forma, a mulher criada por Deus, antes de ser denominada Eva, “tirada do lado do varão”⁴⁵, é aquela sem pecado e que, moldada a partir do homem, pode ser admitida sob o nome de Adão, sinônimo de *homem*.

[...] Enós significa *homem* – mas não como Adão. Na verdade, também este nome significa homem – mas apresenta-se naquela língua, isto é, na hebraica, como nome comum para o homem e a mulher. Assim se escreveu a propósito dele: *Fê-los homem e mulher, abençoou-os e deu-lhes o nome de Adão*.

Não há dúvida de que a mulher foi chamada pelo seu nome próprio de Eva, mantendo-se, porém, Adão, que significa homem, como nome de ambos.

Enquanto, após a desobediência da mulher frente a Deus, Eva passa a ser reconhecida por sua natureza diferente da de Adão, separando definitivamente a mulher em Eva apenas. O nome Eva não é mencionado neste trecho do *Virgen*, 5, pois, apesar de um olhar menos atento poder inferir que a história que a constitui diz respeito inicialmente apenas à individualidade dela, marca-se, neste ponto, a sua substância - em oposição a *acidente* (opinião da qual não existe ciência), recuperamos *substância* como a estrutura necessária⁴⁶, ou seja, o que numa perspectiva da metafísica tradicional, é aquilo que necessariamente é, a essência necessária, indicando a estabilidade do ser⁴⁷ – e a

⁴⁵ SANTO AGOSTINHO. *A Cidade de Deus* (tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, volume II, 1993, Livro XV, p. 1373.

⁴⁶ MANSION, Suzanne. “A primeira doutrina da substância: a substância segundo Aristóteles”. In: ZINGANO, Marco (coord.). *Sobre metafísica de Aristóteles: textos selecionados*. São Paulo: Odysseus Editora, 2005, p. 73-92.

⁴⁷ A *substância* é objeto da ciência compreendida como conhecimento demonstrativo, como saber que expõe a causa de um objeto, ou seja, o porquê de o objeto não poder ser diferente do que é. Nesses dois âmbitos, o da substância e o do acidente, o ser, no primeiro caso, é existencial e, no segundo caso, o ser é predicativo.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

consequência da ausência da denominação de Eva, nesta parte do *Virgen*, é um apagamento que instaura para ela uma característica que ascenderá ao nível de uma universalização, a essência segundo a qual todas são ela e ela é todas, uma vez que ela perde a individualidade da sua constituição inicial e que deixa de ser Eva, ser predicativo, porque é antes mulher.

Essa universalização faz com que sua substância, compreendida como essência, seja elevada ao *status* do coletivo, compondo pelo ser existencial “a mulher é”, ser da misoginia, mulher espectral, toda a classe. Esse movimento que faz do específico um universal culmina na lógica segundo a qual não foi Eva, em sua individualidade, que tirou Adão dos prazeres do paraíso, mas a mulher que é malícia antiga, cuja soberba fez perder o paraíso.

Especificamente, a palavra *malícia* (5) é, pela semântica com a qual circulava no português arcaico, a habilidade para enganar.⁴⁸ Nesse sentido, Eva é mulher e, enquanto tal, é malícia antiga (desde a criação), pois faz dos homens espirituais, terrenos, primeiramente, porque a soberba de Eva desencadeia eventos que acarretaram a perda do paraíso e da condição angelical livre da carne e, por consequência, da morte. Em segundo lugar, ela faz os homens espirituais terrenos, porque, encarnada em mulher, ela é a corrupção da luxúria da obra (mais alto grau de luxúria frente ao prazer que proporciona) que mais uma vez retira o homem casto ou virgem do processo de ascensão iniciado a partir do conhecimento da verdade e da renúncia de si que restabelecem nele a condição angelical. Se por causa dela (mulher) toda linhagem humana foi colocada no inferno (5), por causa dela também os homens continuam se afastando do paraíso, perdendo as virtudes que os aproximam de Deus.

Assim, se a corrupção de Adão tem origem na primeira mulher, que será denominada Eva, se ela é responsável pela perda do paraíso que recaiu também sobre ele, se ela trouxe a morte também para ele e foi responsável pela vida terrena que se impôs

⁴⁸ MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2013, p. 317.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

também a ele – uma vez que tal responsabilidade atrelada inicialmente ao indivíduo passa a ser relativa à especificidade que a diferencia de Adão, logo ao fato de ela ser mulher – a característica segundo a qual ela é *malícia antiga* passa ser enunciada como predicativo de mulher (“*a mulher é malícia antiga*”) e daí a constituir nela um acidente, ou seja, ser predicativo por meio do qual se enuncia o caráter e a qualidade do objeto em virtude do que se é, isto é, em virtude de sua substância.

Desse modo, que a mulher seja “malícia antiga” é um acidente, mas ela apenas pode sê-lo em virtude de ser mulher no âmbito de sua essência, da natureza que compõe sua substância. Eva é seduzida pela serpente em função do ser que ela é, pela corrupção que a habita, diferentemente de Adão que, pela compreensão que atravessa o *Virgeu*, não fora seduzido, ao contrário, apenas “não quis separar-se da sua única mulher nem mesmo na comunhão do pecado”.⁴⁹

O poder que objetiva a mulher deste modo no *Virgeu* tem sua proveniência⁵⁰ na heterogeneidade que constitui o discurso, no refinamento e na manutenção de um poder que pouco a pouco combate a emergência de enunciados que não sustentam, para o mito de Adão e Eva, a culpabilidade de Eva diante da corrupção da humanidade. A respeito disso, Greenblatt⁵¹ recupera versões dessa narrativa mítica, como a registrada no texto *Apocalipse de Adão*, que compõe com outros textos a denominada Biblioteca de Nag Hammadi. Este conjunto de livros, que ficaram conhecidos como a Biblioteca de Hammadi, apresenta textos que datam de aproximadamente 350-400 da Era Comum e são cópias de textos anteriores, as obras foram encontradas pelo camponês egípcio Mohammed ‘Ali al-Samman, em 1945, ao norte de Lúxor, dentro de um jarro de barro lacrado que estava enterrado.⁵² Indica-se que os responsáveis por ocultar tais textos

⁴⁹ SANTO AGOSTINHO. *A Cidade de Deus* (tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, volume II, 2000, Livro XIV, p. 1274.

⁵⁰ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

⁵¹ GREENBLATT, Stephen. *Ascensão e queda de Adão e Eva*. São Paulo: Companhia das Letras 2018, p. 68.

⁵² GREENBLATT, Stephen. *Ascensão e queda de Adão e Eva*, *op. cit.*, p. 67.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

foram provavelmente monges temerosos diante da censura severa a livros que as autoridades cristãs consideravam heréticos.

Descreve-se que o texto *Apocalipse de Adão* conta uma perspectiva da história do casal primordial da mitologia judaico-cristã que passou a não circular entre as versões do mito. Nela o primeiro homem relata a seu filho Set como viveu em estado de glória junto a Eva, a qual o ensinara sobre o conhecimento do Deus eterno.⁵³

Nessa versão de Gênesis, Eva é a verdadeira protagonista da história por sua ousadia em se apoderar, não apenas para si como para toda a humanidade, do conhecimento que o Criador lhes havia negado, tornando assim as criaturas mais poderosas que Deus, o qual se mostra ciumento e atemorizante, desse modo revela-se uma história na qual o homem é dependente da coragem e da sabedoria da mulher.⁵⁴

Destaca-se também da Biblioteca de Hammadi o texto *O testemunho da verdade* que apresenta a perspectiva da serpente acerca do ocorrido com Adão e Eva no paraíso e no qual a serpente questiona as ações da divindade que, ao invés de promover o conhecimento entre suas criaturas, decide proibir o acesso a ele. Sob esse ponto de vista, Deus não é um aliado de suas criaturas, mas, ao contrário disso, é a serpente quem se coloca como a benfeitora da humanidade.⁵⁵

A respeito dessas versões paralelas do mito, observa-se uma evidência de que, para uma parte da comunidade a quem o mito interessava, a história de Adão e Eva fora narrada com sentidos muito distintos daqueles que são operados, por exemplo, no discurso acético-monástico que analisamos pelo *Virgen*. Além disso, demarca-se nessas narrativas perdidas a presença de uma suspeita de que Iahweh fosse invejoso e sem alma, a ocorrência de falas atribuídas aos seres humanos, a celebração da serpente que levou homem e mulher ao consumo do fruto da Árvore do Conhecimento e a celebração da

⁵³ GREENBLATT. Stephen. *Ascensão e queda de Adão e Eva*, op. cit., p. 68.

⁵⁴ GREENBLATT. Stephen. *Ascensão e queda de Adão e Eva*, op. cit., p. 68.

⁵⁵ GREENBLATT. Stephen. *Ascensão e queda de Adão e Eva*, op. cit., p. 68.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

mulher que buscou o conhecimento e transgrediu as ordens divinas. A última conclusão, porém, é a de que tal narrativa fora evidentemente suplantada, como também se verifica pelo fato de os livros terem sido escondidos em um jarro lacrado, que foi enterrado e esquecido juntamente com a interpretação outra que neles se encontra.⁵⁶

O resgate dessas versões, omitidas em decorrência de um poder que se estabelecia e selecionava no rol dos dizeres aquilo que era interdito, permite compreender como o poder possibilita a objetivação de Eva e, por consequência, da mulher de um modo específico (aquele em que ela é a origem do pecado, fonte de luxúria, responsável pela sina da humanidade e serva dos diabos) e silencia enunciados nos quais ela era objetivada de outro modo como a responsável pela libertação da humanidade diante de uma divindade egoísta.

Esse primeiro modo de objetivação imposto pelo poder de um aspecto do cristianismo, que consolidava seu discurso e suas práticas, dá condições de emergência no *Virgeu* para uma Eva (5) denominada apenas *mulher*, a primeira representante de uma classe (a das mulheres), a qual foi responsável pela corrupção do homem, tirando-o dos prazeres do paraíso, distanciando-o de Deus e colocando toda a humanidade no inferno.

No âmbito da misoginia, o discurso ascético-monástico do *Virgeu*, pelo poder que enuncia a verdade a partir de suas testemunhas, objetiva a mulher a partir da sua relação com uma compreensão de carne, a partir de uma técnica divisora que separa homem e mulher e a partir da descrição de sua origem que a constitui substância, um ser que denominamos *mulher espectral*.

Para melhor compreender a constituição da *mulher espectral* que emerge no *Virgeu*, recorremos a Agamben⁵⁷ que, no livro *Profanações*, parte de uma compreensão segundo a qual profanar é o ato de devolver o que fora tomado por sagrado ou religioso ao uso

⁵⁶ GREENBLATT. Stephen. *Ascensão e queda de Adão e Eva*, op. cit., p. 68.

⁵⁷ AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 44-48.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

e propriedade dos homens ou, aqui especificamente, das mulheres, libertando de nomes sagrados, sendo que tal libertação só ocorre por meio de uma profanação. Uma das formas de executar uma profanação reside em tocar o que fora consagrado devolvendo-o ao uso do qual fora subtraído, logo, o uso comum, do qual fora transferido a uma esfera separada a sagrada, a religiosa. Nesse ínterim, outra forma de passar do sagrado ao profano é pelo estabelecimento de um reuso ao objeto, incompatível com o sagrado.

Assim, no decorrer de suas profanações, ao tratar do *ser da imagem*, do *ser especial* atrelado ao modo como se constitui a natureza da imagem composta no espelho, Agamben⁵⁸ remonta aos questionamentos da filosofia medieval acerca da constituição da natureza da imagem presente no espelho.

A respeito disso, compreendemos que o *ser da imagem* é especial posto que não é simplesmente corpo ou substância, uma vez que ocupa um lugar no espaço já ocupado pelo espelho e posto que, apesar disso, seu lugar não é o espelho, já que, pelo deslocamento do espelho, não se desloca a imagem uma vez contida nele. Desse modo, essa imagem não é substância, ao contrário disso, ela é um acidente que não está no espelho, mas em um sujeito (o sujeito frente ao espelho e refletido nele) e, nesse sentido, na perspectiva dos filósofos medievais, estar em um sujeito é o modo de ser daquilo que é insubstancial, daquilo que não existe por si, mas que existe em outra coisa.⁵⁹

Nessa compreensão, o *ser da imagem*, o *ser especial* é insubstancial porque sua existência se dá apenas como ser predicativo, como acidente, portanto, um ser de geração que é criado a cada instante, conforme o sujeito se coloca frente ao espelho, e não um ser de substância com realidade contínua o qual resistiria ao deslocamento do espelho. Ao contrário disso, o *ser da imagem* tem sua existência ancorada e dependente exclusivamente do sujeito que se coloca diante do espelho no instante único em que ele

⁵⁸ AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*, *op. cit.*, p. 44-48.

⁵⁹ AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*, *op. cit.*, p. 45.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

ocupa este lugar, assim, sua existência é criada a todo tempo segundo o movimento daquele que a contempla.⁶⁰

Dessa forma, diferentemente do *ser da imagem*, a formação do ser da misoginia, a *mulher espectral*, que encontramos no *Virgeu*, não ocorre a partir de um plano duplo em que o sujeito, frente ao espelho, observa a imagem formada ante a sua presença, mas se dá em uma perspectiva triangular em que a imagem formada no espelho é vista não pelo sujeito refletido, mas por um observador que vê a imagem de outrem no espelho e é incapaz de enxergar o corpo do sujeito origem do raio luminoso refletido e de perceber que a imagem vista se forma na terceira ponta do triângulo, ou seja, em sua própria retina de observador.

A *mulher espectral* é a imagem formada na retina do observador, em uma cena composta por quatro elementos a mulher corpo fonte da luz refletida e única capaz de enxergar o próprio reflexo no espelho, o ser da imagem no espelho – do qual trata Agamben⁶¹ – resultado da reflexão do corpo da mulher, acidente desta, o homem observador situado a alguma distância que olha para o ser da imagem acidente no espelho (reflexo do corpo de mulher) e, por último, a imagem invertida dessa visão formada na retina do observador e que ficará gravada nele ainda que ele deixe de olhar para o espelho onde a viu pela primeira vez.

Dessa forma, não é diretamente o ser da imagem no espelho, ou a imagem de si vista por si – pela própria mulher frente ao espelho que reconhece nela, na imagem, o acidente insubstancial – mas é a imagem de mulher no espelho vista pelo homem que, em uma posição tangencial, vê a imagem feminina formada no espelho, mas não vê a mulher corpo real origem da luz refletida e não reconhece na imagem que vê o acidente que, de fato, ela é. Ao passo que a mulher, também tangencialmente localizada em relação ao espelho não se vê nele, apenas é vista.

⁶⁰ AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*, *op. cit.*, p. 45.

⁶¹ AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*, *op. cit.*, p. 44-48.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Ela pode não olhar para o espelho, mas está acidentalmente posicionada em um ângulo que permite ao monge, ao homem que olha para o espelho, ver seu reflexo nele. Se, ao contrário, ela olhar para o espelho, verá o monge, mas, nesse encadeamento, não a si mesma e, dependendo da posição que ela ocupa enquanto o observador contempla a imagem do reflexo feminino, pode ser que ela não o veja, ignorando, assim, que o seu reflexo é observado e que é a partir dele que a objetivação/subjetivação se dará.

O fato é que, na formação da *mulher espectral*, não há uma mulher que se olha no espelho vendo o reflexo de si virtualmente projetado do outro lado, mas há um observador que vê o ser da imagem feminina e crê nele a fonte primeira. O corpo real fonte da luz refletida é ignorado pelo monge que, incapaz de vê-lo, fica intrigado pelo reflexo. O observador é também incapaz de reconhecer, na imagem de mulher no espelho que ele vê, a sua constituição virtual do mesmo modo que é incapaz de perceber que a imagem se forma para ele acidentalmente em virtude da posição que ele ocupa em relação ao espelho, uma vez que, se ele mudasse de posição, deixaria, incialmente, de vê-la.

Entretanto, para o monge, é como se ela estivesse sempre lá, ocupando seu lugar no espelho, ainda que aquele não seja o lugar dela, ainda que ela não esteja no espelho, para o homem que a viu no espelho, ela estará sempre lá. Isso ocorre porque a formação da imagem se dá, como observamos, na retina dele e fica, desse modo, retida nele, dá-se igualmente pela incapacidade que ele tem de enxergar a fonte fora do espelho.

Uma vez formada na retina dele, o que possibilita à *mulher espectral* estar constituída como um ser de substância é a origem que lhe será atribuída pelo observador que, ignorando ser ela a visão de uma imagem virtual – já que ele não vê a mulher em si, mas apenas a imagem dela formada nele mesmo e disso tornar-se-á verdadeiramente impossível para ele vê-la a não ser através da imagem do espectro já formada em sua retina –, dará a ela a descrição de uma origem, um conhecimento demonstrativo de sua causa que proporciona que se compreenda porque ela representa um perigo, porque ela não pode ser diferente do que é (o fato de ser descendente de Eva).



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Tal explicação, enquanto indicação de origem e conhecimento da essência necessária, diferenciar-se-á, pelo modo como é subsidiada em um discurso de manifestação da verdade, da *opinião* encontrada na constituição do que é acidental. Dito de outro modo, o *Virgen* possibilita ao monge, objeto da verdade manifestada, compreender a *mulher espectral*, que se revela nele, como a essência de mulher, pois recupera uma construção de origem para ela, explicando porque ela não pode ser diferente do que ela é (modo de descrição do que tem caráter substancial), ancorando tal objetivação, como observamos, no testemunho de verdade recuperado pela citação das autoridades que, além de possibilitar a revelação da verdade, inviabiliza que se reconheça a vontade de verdade⁶² que a atravessa.

Desse modo, a substância em questão pertence à *mulher espectral*, ser da misoginia, imagem formada na retina do homem que observou o reflexo da mulher no espelho e em nada coincidente com a substância do corpo primeiro, fonte de luz de onde se projetou o acidente no espelho, essa não pode ser conhecida pelo observador, pois lhe é inacessível.

Assim, a elaboração do ser especial⁶³ ajuda a compreender a *mulher espectral* ainda que ela se caracterize de modo diferente por se tratar de uma formação triangular de onde se forma um ser ao qual se indicará uma essência. Ela é, portanto, e na verdade, forma, acidente e substância criada discursivamente sob linhas cuja plasticidade quase possibilita compreendê-la como tão genérica quanto a imagem do espelho que se modifica por completo diante da mudança de observador ou cuja forma se esvai por completo para dar lugar a outra forma diferente se o espelho é mudado de lugar. Entretanto, a plasticidade dos limites de sua forma é ao mesmo tempo rígida (principalmente se comparados ao ser especial) uma vez que encerram características muito bem definidas e limitadas.

⁶² FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

⁶³ AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*, op. cit., p. 44-48.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

A *mulher espectral* não se modifica conforme o observador, ela é (por ser substancial), está sempre lá. Sua constância é sustentada justamente pela plasticidade de seus limites, que, apesar de maleáveis para encerrar em si certa universalização, nunca se rompem. Sua constituição, desse modo, permitiu à *mulher espectral* ser Eva e todas as suas filhas e, ao mesmo tempo, imprimir sobre cada uma delas a sua essência, que se quer constante. Diferentemente do ser especial⁶⁴, a *mulher espectral* tem realidade contínua.

A respeito dessa realidade contínua, Silva⁶⁵ demonstra como, ao analisar a justiça medieval portuguesa, pela compreensão do pecado original como primeiro delito de responsabilidade da mulher, a patrística associou as mulheres ao desvio e ao caos, culpabilizando-as, primeiramente, pela queda de Adão e disso pela constituição sexuada, mortal e de infelicidade a que a humanidade fora submetida. Essa imagem de Eva como subalterna e de cunho pejorativo presente na interpretação da patrística foi paulatinamente apropriada pelo discurso social dominante que atribuiu à mulher uma essência sensual, instintiva e infiel em oposição ao homem como racional, objetivo e honrado⁶⁶.

Nesse âmbito, enquanto o “ser especial” é genérico/comum e não coincide com o indivíduo que possa ser identificado por uma ou outra qualidade que o constitui exclusivamente, denotando nisso a complexidade do indivíduo frente ao acidente, e enquanto o “ser especial” é “ser qualquer um”, ou seja, é um ser genérico e indiferente cuja adesão a todas as suas qualidades não permite que ele seja identificado por nenhuma delas, para a *mulher espectral* “ser qualquer um” somente é possível desde que seja “ser qualquer uma” ao mesmo tempo em que “é todas”, confirmando a permanência de uma substância que é constante e que a identifica, de uma plasticidade

⁶⁴ AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*, *op. cit.*, p. 44-48.

⁶⁵ SILVA, Edlene Oliveira. “[As filhas de Eva: religião e relações de gênero na justiça medieval portuguesa](#)”. In: [Revista Estudos Feministas](#), vol. 19, n. 1. Florianópolis: janeiro/abril 2011, p. 35-51.

⁶⁶ SILVA, Edlene Oliveira. “[As filhas de Eva: religião e relações de gênero na justiça medieval portuguesa](#)”, *op. cit.*, p. 49.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

da forma que permite a universalização no interior de uma classe específica e não em relação a uma espécie por completo, como é o caso do ser especial.

Isso posto, ao mesmo tempo em que o ser especial⁶⁷, é um ser, é um rosto, é um gesto ou é um evento que por não se parecer com nenhum acaba se parecendo com todos, ele não é uma propriedade pessoal e deve, portanto, caber a toda espécie – sendo o termo espécie utilizado para explicar o ser especial, em oposição ao indivíduo, traçando um paralelo entre espécie e o rosto da humanidade⁶⁸, fato que não equivale à *mulher espectral* que cabe exclusivamente a um grupo de indivíduos da espécie, as mulheres.

Essa diferença entre ser especial e *mulher espectral* se dá justamente porque o ser especial é genericamente todas as suas qualidades sem, ao mesmo tempo, ser identificado por nenhuma delas, ao passo que a *mulher espectral*, apesar da sua universalização, que se dá a partir de cada uma de suas qualidades, possibilidade assegurada pela plasticidade de sua forma, faz o caminho inverso ao ser identificado pelas suas qualidades inicialmente individuais e, então, constituir-se a partir delas em um universal cuja plasticidade simbólica possibilita a forma maleável, da qual também advém um dos aspectos para a adjetivação *espectral*, a uma substância constante. Assim, a partir da identificação de uma origem em Eva, a *mulher espectral* se constitui do particular para o geral a partir da retina do observador.

Nesse ínterim, quando, em 5, tem-se “A molher he malicia antiga a qual tirou Adam dos plazeres do parayso”, ao usar o termo *molher* para se referir a Eva, ligando a ela toda essência de uma classe de descendência, o *Virgeu* não trata de Eva, de uma ou outra mulher cujos atos confirmam a repetição de um “erro” primeiramente cometido por Eva, mas dá emergência à *mulher espectral* cuja substância e a forma são definidas a partir de Eva, estendendo-se às mulheres a partir dela.

⁶⁷ AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*, *op. cit.*, p. 44-48.

⁶⁸ AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*, *op. cit.*, p. 47.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

A *mulher espectral* ascende do individual para o universal para fazer que se perca a individualidade pelo compartilhamento de uma substância do ser que é (presente na afirmação “a mulher é”) independentemente do acidente, e da qual, sob a imagem constituída na retina do observador frente ao espelho que reflete o corpo feminino, não se pode escapar, no interior da aleturgia⁶⁹, uma vez que ela é revelada em verdade pelo poder que instaura, legitima e mantém as relações assimétricas.

Nosso estudo constatou que é por meio das citações de autoridade que os enunciados, que compõem o *Virgeu* e nos quais o item *mulher* ocorre, se constituem como verdade. Tais autoridades testemunham a verdade que é revelada, no *Virgeu*, ao monge leitor. Assim, Jerônimo, Sêneca, Agostinho, João bispo, Orígenes, Basílio e Platão e outros têm suas citações produtivamente marcadas ao longo do *Virgeu* para a temática da mulher, ao passo que o operador da verdade (aquele que definiríamos contemporaneamente como autor) se cala frente ao dizer verdadeiro, mascarando nesse gesto a vontade de verdade que atravessa aquilo que se revela.

Desse modo, o pecado da luxúria, como pudemos observar pelo excerto retomado em 1, pela misoginia, é identificado como tendo na mulher a sua fonte, sendo também a ela atribuída diretamente a responsabilidade pelas consequências do que se sucede ao homem pelo ato luxurioso. Como observamos no excerto a seguir (6), como consequência para o monge que se expõe às mulheres, está a perda da sabedoria alcançada na vida monástica.

6 E bẽ assi como o fogo ē húa pequena hora se encẽde, mais o sseu encendimento dura muito, bẽ assi o huso muito das molheres amolenta a mente e bota o siso e faz o homẽ ser neyçio e nō sabedor.⁷⁰

⁶⁹ FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: curso do Collège de France (1979-1980)*. São Paulo Editora WMF Martins Fontes, 2014b, p. 27.

⁷⁰ VIRGEU de consolaçon, *op. cit.*, p. 20.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

6 E assim como o fogo que em pouco tempo queima, mas o seu ardor dura muito, bem assim o muito uso das mulheres amolece a mente e perde o juízo e faz o homem ser estúpido e não sábio.⁷¹

Por esta necessidade do cuidado de si ao qual o homem não está dispensado em momento algum, uma vez que o *espectro* está constituído como corrompedor da virtude masculina desde o momento em que a imagem da visão dele se formara na retina do monge, no capítulo 12 da quinta parte do *Virgen*, podemos, portanto, verificar melhor como se caracteriza a *mulher espectral*. Inicialmente, destaca-se a constatação segundo a qual a conversa das mulheres deve aborrecer o homem, de modo especial àqueles que fizeram voto de castidade, sob a justificativa de que nenhum homem pode agradar às mulheres sem agradar aos diabos, como podemos observar no excerto 7, a seguir.

7 A conversa ou affazimento das mulheres deve seer avorrecente a todo homẽ, specialmente a aqueles que fezerõ voto de castidade e que querẽ chegar a alteza do conhecimento de Deos, ca nẽhū nõ pode aprazer aas mulheres, que nõ aplaza aos diaboos.⁷²

7 A familiaridade e a conversa das mulheres devem aborrecer todo homem, especialmente aqueles que fizeram voto de castidade e que querem chegar à altura do conhecimento de Deus, pois ninguém pode agradar às mulheres sem agradar aos diabos.

Em 7, verificamos que a ascensão no conhecimento que vem de Deus, objetivo da vida monástica, também está condicionada à ausência de conversa com as mulheres. No trecho destacado, a palavra *conversaõ* (trato, familiaridade) é posta lado a lado com a palavra *affazimento*, sobre a qual compreendemos – pelo contexto de ocorrência, cuja temática é, especificamente, a conversa e o tratamento entre homens e mulheres – ser sinônimo de *conversaõ*. Entretanto, é importante indicar o fato de que o item lexical *affazimento* também era utilizado, no português arcaico, com sentido de “relações sexuais torpes”.⁷³

⁷¹ VIRGEU de consolaçon, *op. cit.*, p. 20.

⁷² VIRGEU de consolaçon, *op. cit.*, p. 87.

⁷³ SILVA, Joaquim Carvalho da. *Dicionário da Língua Portuguesa Medieval*. Londrina: Eduel, 2009.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Apesar de o enunciado destacado em 7 não ter como escopo direto a luxúria, e por esse motivo a palavra *affazimento* está mais próxima de um sinônimo de *conversaçon*, atravessa, neste item lexical e na construção do enunciado, uma compreensão segundo a qual a conversa do homem com a mulher leva às relações sexuais e por esse motivo a conversa agrada aos diabos, sendo que a própria constituição da mulher como fonte da luxúria da obra possibilita esse atravessamento semântico. A conversa com as mulheres é, desse modo, a porta de entrada que leva ao pecado da luxúria.

Outro aspecto relevante que observamos em 7 está no fato de que agradar (aprazer) às mulheres é agradar aos diabos; assim não é possível agradar às mulheres e não agradar aos diabos. Essa constatação constitui um aspecto da *mulher espectral*: há uma relação de proximidade entre a *mulher espectral*, caracterizada no *Virgeu*, e os diabos, pois o que agrada a ela, agrada, simultaneamente, a eles também. Nesse sentido, aproximar-se dela é aproximar-se dos diabos e, como consequência, distanciar-se de Deus. Logo, a *mulher espectral* deve ser temida, pois põe em risco a salvação tão perseguida pelo monge.

A respeito do termo *diabos*, a partir de Baschet⁷⁴, compreendemos que os diabos podem ser identificados no contexto como anjos caídos no ato do nascimento do Diabo, Lúcifer, que antes da queda era o mais luminoso dos anjos. Nesse momento de queda dos anjos, reside também uma explicação para a entrada do mal no universo, pois, apesar de terem sido criados bons, os anjos se tornam maus por vontade e por isso são condenados a viver sobre a terra, no ar ou no inferno.

Portanto, os diabos que resultam dessa queda permanecem com sua natureza de anjos, ou seja, são seres de corpo etéreo os quais, apesar disso, podem se manifestar para os homens sob aparências variadas, incluindo, sob a forma humana, ou sob a forma de mulher sedutora.⁷⁵ Há, portanto, nessa compreensão demonstrada no *Virgeu*, uma

⁷⁴ BASCHET, Jérôme. “Diabo”. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. vol. I. Bauru: EDUSC, 2006, p. 319-331.

⁷⁵ BASCHET, Jérôme. “Diabo”, *op. cit.*, p. 322.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

relação de proximidade entre as mulheres e os diabos, por isso agradá-las é agradar também a eles.

Outro aspecto relevante em relação à compreensão do Diabo no medievo⁷⁶ diz respeito à consciência individual ligada à crença de diabos pessoais em um paralelo com a crença em anjos da guarda que se ligam a um indivíduo cada. Assim, em oposição ao seu anjo da guarda, o indivíduo tem do outro lado seu diabo. A crença no diabo pessoal fora menos saliente do que a crença no anjo da guarda, apesar disso, constitui um aspecto da consciência cristã medieval. Sobretudo no meio monástico, descreve-se a proliferação de relatos de obsessão diabólica a partir do ano 1000. A respeito disso, salienta-se o Diabo como a expressão de tudo o que a consciência não reconhece como emanando de si mesma ou de Deus, assim, aquilo que a consciência julga negativo, sendo o diabólico uma possibilidade de expressão de fantasmas de formas variadas.⁷⁷

A isso também se liga a *mulher espectral*, pois ela é uma das formas sobre a qual a compreensão masculina entende que o Diabo pode se manifestar. Destarte, a consciência do monge vê uma mulher atravessada pelo Diabo quando não pode ou se nega a ver a si mesmo e aos tormentos de seus próprios desejos, uma vez que a vê a partir da imagem do espectro retida em seus próprios olhos, motivo pelo qual ele julga ser externa a tentação que, na verdade, reside nele mesmo. Assim, se a *mulher espectral* emerge pela objetivação da mulher, ela também se dá, simultaneamente, na subjetivação do monge.

Por isso, a imagem formada na retina dele a partir da visão que ele tem do corpo feminino no espelho passa a ser o espectro que o acompanha e modula sua visão, já que ela não está em uma mulher, não está no espelho, mas nele mesmo. Disso, o espectro se torna a lente por meio da qual ele vê as mulheres reais com as quais porventura entrar em contato.

⁷⁶ BASCHET, Jérôme. “Diabo”, *op. cit.*, p. 327.

⁷⁷ BASCHET, Jérôme. “Diabo”, *op. cit.*, p. 327.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Nesse sentido, uma vez marcada na retina do monge, do sujeito objeto do discurso monástico, a lente que faz ver o espectro parece torná-lo incapaz de enxergar as mulheres em suas individualidades, ou seja, enxergá-las por elas mesmas, já que enxergar a elas e não ao espectro ante elas parece impossível para aquele que reteve em si a visão da *mulher espectral*. Desse modo, no *Virgeu*, toda mulher é descrita como perigosa para o monge (as virgens consagradas a Cristo, as que pertencem à mesma linhagem que o monge, logo, a mãe e as irmãs e dessas todas as outras), fazendo que ele veja a *mulher espectral* todas as vezes.

Outros excertos, como o retomado adiante em 8, evidenciam, a partir disso, a necessidade de distanciamento do homem em relação à mulher, pois, conforme recuperamos no trecho a seguir, a demasiada companhia das mulheres faz o homem não pensar em Deus, do mesmo modo em que querer muito falar com as mulheres é a primeira causa de injúria ao religioso, sendo a prática de comer carnes boas a segunda causa.

8 E diz san Jeronimo que nō pode o homē co todo seu entendimento parar mentes em Deos, que muito husa a companhia das molheres. E diz adeante que duas cousas son per que todo religioso he doestado; a primeyra he querer ameude falar e conversar con molheres; a outra he comer viandas boas e muy stremadas.⁷⁸

8 E diz são Jerônimo que não pode o homem que muito usa a companhia das mulheres com toda a sua compreensão pensar em Deus. E diz adiante que duas coisas são motivos de desonra para todo religioso; a primeira é querer muito falar e conversar com mulheres; a outra é comer carnes boas e muito selecionadas.

Como retomamos em 8, encontra-se, no *Virgeu*, um paralelo entre o pecado da luxúria e o pecado da gula, do qual se ressalta que comer e beber, sobretudo carnes quentes e vinhos fortes, faz crescer a luxúria. A respeito deste aspecto, para evitar a luxúria são três os remédios para o homem que for tentado por este pecado: o primeiro é entrar

⁷⁸ *VIRGEU de consolaçon*, op. cit., p. 87.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

sem medo em água fria até o peito, o segundo é que o homem tire de si a comida e a bebida e o terceiro é que o homem fuja das mulheres:

9 O terceyro remedio [para a luxúria] he que o homē fuga aas mulheres, que son fogo e cajon de luxuria.⁷⁹

9 O terceiro remédio é que o homem fuja das mulheres, que são fogo e ocasião da luxúria.

Nesse contexto, em **9**, é retomada, no *Virgeu*, uma citação atribuída a Sêneca, segundo a qual as mulheres são o fogo e a ocasião da luxúria e por esse motivo o homem deve fugir delas. Outra referência a Sêneca é citada em **10**, na qual se demonstra a intensidade com que o homem deve evitar a presença de uma mulher:

10 E diz Seneca que ante el queria aver olhos de lobo cerval ou lepeosos ou nēhūus por tal que nō podesse veer mulheres.⁸⁰

10 E diz Sêneca que antes ele queria ter olhos de lince ou leprosos ou nenhum, desde que não pudesse ver mulheres.

Em **10**, o *Virgeu*, em sua leitura de Sêneca, enfatiza essa necessidade de fuga quando afirma a preferência do filósofo para que tivesse olhos de cervo, olhos leprosos ou mesmo para que não tivesse olhos desde que ele não pudesse ver mulheres. Essa vontade se justifica, no *Virgeu*, na medida em que a presença da mulher é compreendida como um risco ao homem, uma vez que a mulher corrompe o corpo e, consequentemente, a alma do homem e que a corrupção se dá gradualmente do olhar, para a fala e desta para o toque. A importância do olhar como gatilho inicial que se registra em **10** marca a visão do espectro. A mulher que coloca em risco o homem é um espectro e sua descrição pode ser observada repetidamente em vários excertos do *Virgeu*, como o indicado a seguir em **11**. A *mulher espectral* vai se consolidando, assim, como um ser que deve ser constantemente temido.

⁷⁹ *VIRGEU de consolaçon*, op. cit., p. 22-23.

⁸⁰ *VIRGEU de consolaçon*, op. cit., p. 68.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

11 E diz sancto Agostinho que os clérigos stremadamente devẽ a esquivar e fugir aa conversaçõ e companhia das molheres, porque, assi como das brasas saaẽ faíscas e do ferro ferrugẽ e das serpentes peçonha, be assy da cōpanhia e da conversaçō das molheres sempre nace desejo de toda maa cobijça.⁸¹

11 E diz santo Agostinho que os clérigos distintamente devem evitar e fugir da familiaridade e companhia das mulheres, pois, assim como das brasas saem faíscas, do ferro ferrugem e das serpentes peçonha, bem assim da companhia e do trato das mulheres sempre nasce desejo de toda má avidez.

Ao retomar a fala atribuída a Agostinho, o homem é aconselhado a evitar e a fugir da conversa e da companhia das mulheres. Essa atitude de fuga se justifica, conforme o testemunho conferido pelo *Virgeu* ao santo, pois, do mesmo modo que das brasas saem faísca, do ferro ferrugem e da serpente veneno, da companhia e da conversa das mulheres sempre nasce desejo de toda má cobiça. Assim, a recorrência de enunciados que descrevem a mulher como a chama primordial que incendeia um desejo no homem que se coloca diante dela ressalta a necessidade de um afastamento deste em relação àquela, ao mesmo tempo em que vai confirmando a natureza da *mulher espectral* como corrupta do homem.

Na verdade revelada no *Virgeu*, o desejo, que leva à corrupção, é inevitável diante da mulher, pois tem nela sua origem, como o veneno tem origem na serpente e não naquele que se coloca diante dela. O *Virgeu* ensina ao monge que o desejo tem origem na mulher e não nele mesmo, por esse motivo fugir da presença dela é, para ele, a única solução. Que o homem seja suscetível a inclinar-se diante do pecado das mulheres é uma condição dele, do mesmo modo que perecerá pelo veneno se for picado por uma cobra; que a mulher seja a fonte da luxúria da obra é uma condição dela, do mesmo modo que o veneno é condição da cobra. É desse modo que a *mulher espectral* se concebe como perigosa e ameaçadora.

⁸¹ *VIRGEU de consolaçōn*, *op. cit.*, p. 87.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Ainda que no capítulo reservado à luxúria no *Virgeu*, encontremos a prática da fuga das mulheres, juntamente com os banhos frios e redução do consumo de carnes e bebidas como remédios para evitar esse pecado, no 12º capítulo da quinta parte, constrói-se um reforço acerca da necessidade de fugir das mulheres e salienta-se a fuga como única alternativa segura nesse combate a elas. A respeito disso, temos o excerto **12**, a seguir:

12 Mais o melhor e mais certo remédio que homē pode aver para vencer o mundo e as molheres, assy he fugir-lhe, ca todalas outras infirmidades e temtaçōes homē pode vencer per outras maneyras, assi como per jegūus ou por vigílias, per oraçō, per disciplina, etc., mais esta nō se pode vencer ē outra guisa seno fugindo-lhe.⁸²

12 Mas o melhor e mais certo remédio que o homem pode ter para vencer o mundo e as mulheres, assim é fugir-lhe, pois todas as outras enfermidades e tentações o homem pode vencer por outras maneiras, assim como por jejuns ou por vigílias, por oração, por disciplina etc., mas esta não se pode vencer de outro modo senão fugindo-lhe.

Em **12**, destaca-se o fato de que o homem precisa vencer o mundo e as mulheres e que o melhor remédio para isso é fugir deles. As mulheres são comparadas ao que o enunciado descreve como “outras enfermidades e tentações”. A essas outras tentações, indica-se que o homem pode vencer de diversas maneiras, como por meio de jejuns, vigílias, oração e disciplina, entretanto, as mulheres, ele somente pode vencer fugindo, não há outra maneira.

Tal defesa se justificaria pela perspectiva masculina que incide sobre o corpo das possíveis mulheres na presença das quais o monge pode em alguma circunstância se encontrar, visto que o olhar dele recai sobre o corpo dela marcado e arruinado pelo espectro antevisto, de modo que é provável a sua incapacidade de enxergar a mulher na sua complexidade ou individualidade, uma vez que é anterior à existência dessa mulher singular a visão do espectro, sempre lá, na retina dele.

⁸² *VIRGEU de consolaçon*, *op. cit.*, p. 87.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

A partir do espectro, ao tratar da necessidade de vencer as mulheres nesse excerto, o *Virgeu* estabelece um reforço à ideia de que as mulheres são mundanas e que mantém o homem que estiver junto delas no mundo que ele pretende vencer. O afastamento delas é, portanto, uma prática para superar o mundo e aproximar-se do que é divino, mas isso é uma ilusão, pois onde quer que ele vá, carrega o espectro no seu olhar.

Do ato de olhar para a mulher, estar na presença dela, a descrição construída no *Virgeu* passa ao ato de tocá-la e defende, em **13**, ao retomar uma citação atribuída a Agostinho, que é muito vantajoso ao homem não tocar a mulher nesta vida:

13 E diz [santo Agostinho] que muy gram prol he ao homẽ nō tanger a molher ē esta presente vida.⁸³

13 E diz [santo Agostinho] que é muito útil ao homem não tocar a mulher nesta presente vida.

No *Virgen*, quase tão importante quanto não permanecer na presença dela, quase tão importante quanto fugir-lhe, é, para o homem, não tocar a mulher nesta vida, conselho retomado em **13** como testemunho de verdade indicado por Agostinho, mas cuja proveniência anterior reconhecemos em Paulo, no livro da Primeira Epístola aos Coríntios em que lemos “É bom ao homem não tocar em mulher”.⁸⁴

Além da perda da sabedoria, no *Virgeu*, define-se que o convívio com as mulheres também acarreta ao homem um distanciamento de Deus e da vida espiritual, ao mesmo tempo em que, acarreta uma aproximação ao diabo e à vida terrena, como observamos nos excertos destacados até aqui. Em **14**, há, também, a especificidade de se apresentar a problemática do homem jovem diante da mulher, para o qual a prescrição é a mesma: para se afastar do diabo, ele deve se afastar de todo convívio com mulheres.

⁸³ *VIRGEU de consolaçon*, *op. cit.*, p. 87.

⁸⁴ *A BÍBLIA de Jerusalém*, *op. cit.*, p. 2000.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

14 Se o homẽ mancebo conversar muito ou morar co molheres, nuca lhe falecerá scandalo do diaboo.⁸⁵

14 Se homem moço conversar muito ou morar com mulheres nunca morrerá nele o escândalo do diabo.

Tanto em **14** como em **15**, a companhia das mulheres com destaque para o ato de morar com elas é igualmente comparado ao ato de se estar diante da porta do inferno ou ao de ser mordido por um escorpião. Morar com mulheres ou ter a companhia delas coloca o homem, jovem ou não, diante da porta do inferno, como a presença de Eva colocou em risco a integridade de Adão.

Especificamente em **15**, a seguir, temos novamente a companhia da mulher como peçonha, como veneno. Essa caracterização nos conduz, mais uma vez, à conclusão de que a *mulher espectral* deve ser temida, pois, diante dela, não há salvação, ela agrada aos diabos e dá acesso ao inferno e quanto a isso, no *Virgeu*, não há contestação.

15 Ca o linhagẽ ou morada ou aver companhia co ellas nō he se nō porta do inferno e ferida de scorpio, e cousa muy enpeencivil.⁸⁶

15 Pois a descendênciā ou morada ou ter companhia com elas não é se não porta do inferno e ferida de escorpião, e coisa muito prejudicial.

Em outros pontos do texto, a *mulher espectral* também é comparada à cobra cujo veneno mata, ao piolho que gruda aos cabelos e do qual não se pode facilmente soltar, a um vaso ruim e cheio de perigos; é definida como cabeça do pecado, confusão do homem, corrompimento de lei, serva má do mundo, como observamos em:

16 E, segundo o que diz o filosofo [Orígenes], a molher he confuson do homẽ, besta sen fartura, cuidado de cada dia, batalha que nunca falece, cousa desejada, grande embargo de

⁸⁵ *VIRGEU de consolaçon*, op. cit., p. 87.

⁸⁶ *VIRGEU de consolaçon*, op. cit., p. 88.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

cada dia, perigoo do homẽ que se nō compõe, vaso maa e cheo de perigo, animalia maa, serpente venenosa e sen meeinha, manceba e serva maa do mundo.⁸⁷

16 E, segundo diz o filósofo [Origines], a mulher é perturbação do homem, besta que não se farta, cuidado de cada dia, batalha que nunca acaba, coisa desejada, grande obstáculo de cada dia, perigo do homem que não se compõe, vaso mau e cheio de perigo, animal mau, serpente venenosa e sem cura, criada e serva má do mundo.

Além de toda essa descrição que se tem da *mulher espectral* e suas características perigosas em **16** (e em outros trechos do *Virgeu* não recuperados aqui), o predicativo que também merece atenção é “vaso maa e cheo de perigo” em que *vaso* tanto pode remeter ao órgão reprodutor feminino cujo formato lembra o de um vaso prototípico, definido como um recipiente côncavo usado para conter líquido⁸⁸, e também pode significar uma pessoa predestinada⁸⁹, confluindo para o aspecto substancial da *mulher espectral* predestinadamente má e perigosa.

Por ser essa presença que corrompe, inevitavelmente, o homem, ela não deve ser uma presença desejada:

17 E diz [san Jeronimo] que nō queiras que os pees da molher entrẽ en tua casa seno muy poucas vezes ou nēhūa.⁹⁰

17 E diz [são Jerônimo] que não queiras que os pés da mulher entrem em tua casa senão muito poucas vezes ou nenhuma.

Ao retomar uma afirmação indicada como pertencente a são Jerônimo (em **17**), demonstra-se para o leitor que, além de fugir das mulheres, o homem deve desejar sua

⁸⁷ *VIRGEU de consolaçon*, *op. cit.*, p. 88.

⁸⁸ MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2013, p. 514.

⁸⁹ MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2013, p. 514.

⁹⁰ *VIRGEU de consolaçon*, *op. cit.*, p. 87.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

ausência, não deve querer que “os pés da mulher” entrem em sua casa, pois não há permanência segura da presença da mulher para o homem. Essa ausência de convivência segura abrange todas as situações, de modo que a condição para o risco está no fato de que a *mulher espectral* é, por sua essência, corrompedora do masculino. Por esse motivo, não há presença dela que seja segura ao homem. Assim, deve-se conhecê-la, o que só é possível quando o monge conhece a si mesmo, e temê-la para manter-se completamente distante dela pelo cuidado que se tem consigo e pela renúncia que ele deve fazer de si.

Essa característica da *mulher espectral* se consolida no *Virgen*, conforme são citadas algumas presenças femininas que o homem poderia erroneamente julgar seguras, como as virgens e servas do Cristo, sobre as quais temos:

18 E diz este meesmo [san Jeronimo]: Nō queyras conhoder nẽ aver conversaçõ cõ as virgẽes e servas de Jesu Cristo, por seerẽ ellas de boa vida e viveren ē sanctidade, ou, se as conhoceres por boas e que vivẽ bẽ, ama-as ē Jesu Cristo em boa maneyra todas per yugal caridade e amor, mais a muita conversaçõ dellas nō queyras muito husar.⁹¹

18 E diz este mesmo [são Jerônimo]: Não queiras conhecer nem ter familiaridade com as virgens e servas de Jesus Cristo por serem elas de boa vida e viverem em santidade, ou, se as conhoceres, por boas e que vivem bem, ama-as em Jesus Cristo de uma forma boa todas por igual compaixão e amor, mas o muito trato delas não queiras muito usar.

Do mesmo modo como qualquer outra mulher, a presença das virgens e das servas do Cristo deve ser evitada pelo homem objeto da aleturgia do *Virgen*. Ainda que elas vivam em santidade, não deve o homem conversar com elas e, se conhecê-las, deve amá-las em Jesus Cristo igualmente e por caridade. Assim, verifica-se que a *mulher espectral* tem a forma mesmo das mulheres que vivem, pela doutrina religiosa, em santidade, e por isso a presença delas não é desejável aos homens.

⁹¹ *VIRGEU de consolaçõon*, *op. cit.*, p. 87.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Outra especificidade na relação entre homens e mulheres que poderia levar à interrupção das suspeitas descaracterizando o que aqui entendemos como *mulher espectral* é o laço familiar ou entre irmãos. Entretanto, a ligação afetivo-familiar não assegura a ausência de perigo, ao contrário disso, a *mulher espectral* prevalece sobre a individualidade das relações interpessoais. Ela é antes mulher, ainda que seja definida diante do espectador como irmã ou mãe. Esses papéis, que a mulher pode exercer, são possíveis à *mulher espectral* graças à plasticidade simbólica que lhe compete, entretanto não alteram em nada sua substância, que permanece, apesar da relação considerada em sua individualidade. Logo, que ela seja mãe ou irmã é apenas um acidente. Tal questão pode ser observada no excerto 19, a seguir:

19 E, se per vetuya me dizes que por o amor do linhagen ou dívido, que nō leixarás a sua companhia, para mentes a Tamar que foy corrupta de seu jrmãao.⁹²

19 E, se porventura, dizes-me que por amor à descendência ou à amizade não deixarás a sua companhia, pensa em Tamar que foi corrupta de seu irmão.

Em 19, verificamos como sobressai o medo da *mulher espectral* em detrimento da força que poderiam ter as ligações familiares ou de amizade entre mulheres e homens, caracterizadas mesmo como “amor”. Tal enunciado marca a especificidade dessas relações pelos itens lexicais “linhagen” e “dívido” que, no campo semântico do parentesco, têm como sinônimos, conforme Machado Filho⁹³ e Silva⁹⁴, respectivamente, *descendência/família* e *parentesco/amizade*, de onde advém a conclusão de que o amor à família ou à amizade não deve ser justificativa para não se abandonar a companhia de uma mulher. A veracidade do risco que se corre mesmo diante das mulheres com as quais o homem tenha uma relação familiar ganha argumentos poderosos quando Tamar é citada como responsável pela corrupção de seu irmão, marcando mais uma vez a forte presença da *mulher espectral* que, não sendo uma onipresença de origem divina, só pode acontecer porque reside nele, no homem, monge leitor do *Virgeu*.

⁹² *VIRGEU de consolaçon*, *op. cit.*, p. 88.

⁹³ MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*, *op. cit.*, p. 305.

⁹⁴ SILVA, Joaquim Carvalho da. *Dicionário da Língua Portuguesa Medieval*, *op. cit.*, p. 174.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Conclusão

Neste trabalho, apresentamos, a partir da análise do discurso ascético-monástico presente na obra portuguesa *Virgen de Consolaçon*, o conceito de *mulher espectral*, ser da misoginia, desenvolvido sobretudo por meio das noções de *sujeito/objetivação/subjetivação*, *misoginia medieval* e *ser especial*.

Como resultado disso, no *Virgen*, o nosso olhar contemporâneo, que tentamos tanto quanto esteve ao nosso alcance revestir de lentes contextuais específicas, enxerga o corpo marcado de história e sendo arruinado por ela, como a *mulher espectral*. A *mulher espectral* é para nós, portanto, linguagem construída como manifestação da verdade, que a vontade de verdade sustenta e atravessa, para marcar o corpo e arruiná-lo na história pela suposição de uma unidade substancial.

Fontes utilizadas

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
SANTO AGOSTINHO. *A Cidade de Deus* (tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, volume II, 1993.
VRGEU de consolaçon. *Edição crítica de um texto arcaico inédito* (introdução., gramática, notas e glossário: Albino de Bem Veiga). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1959, p. 3-128.

Bibliografia citada

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
BASCHET, Jérôme. “Diabo”. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. vol. I. EDUSC, 2006. p. 319-331.
BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
CÂMARA JUNIOR. Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 468-476.

DUBY, Georges. *As damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: curso do Collège de France (1979-1980)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014b.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A hermética do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1981)*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o poder”. In: DREYFUS Hubert L.; RABINOW Paul (coord.). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

GREENBLATT, Stephen. *Ascensão e queda de Adão e Eva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KNIBIEHLER, Yvonne. “A invenção da carne” In: KNIBIEHLER, Yvonne. *História da virgindade*. São Paulo: Contexto, 2016. p.68-69.

LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

REIS, Maria Cecília Gomes dos. “A alma como substância no sentido de forma”. In: ARISTÓTELES. *De anima*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 24-26.

ROSSIAUD, Jacques. “Sexualidade”. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. vol. II. Bauru: Edusc, 2006. p. 477-493.

MANSION, Suzanne. “A primeira doutrina da substância: a substância segundo Aristóteles”. In: ZINGANO, Marco (coord.). *Sobre metafísica de Aristóteles: textos selecionados*. São Paulo: Odysseus Editora, 2005, p. 73-92.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2013.

MICCOLI, Giovanni. “Os Monges”. In: LE GOFF Jacques (dir.). *O Homem Medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo: ensaios de antropologia medieval*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SCHMITT, Jean-Claude. “Corpo e alma”. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2006. p. 253-267.

SILVA, Leila Rodrigues da; RAFAELLI, Juliana Salgado. “Monaquismo”. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de história das religiões na antiguidade e medievo*. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 415-419.

SILVA, Edlene Oliveira. “[As filhas de Eva: religião e relações de gênero na justiça medieval portuguesa](#)”. In: [Revista Estudos Feministas](#), vol. 19, n. 1. Florianópolis: janeiro/abril 2011, p. [35-51](#).

SILVA, Joaquim Carvalho da. *Dicionário da Língua Portuguesa Medieval*. Londrina: Eduel, 2009.